



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS (CCSA)
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
BACHARELADO EM JORNALISMO

FÁBIO ANÍSIO BATISTA SÉRVOLO JÚNIOR

**AS INFLUÊNCIAS DO USO DO CELULAR NA PRODUÇÃO DE VÍDEO-
REPÓRTEGENS NA TV PARAÍBA**

CAMPINA GRANDE

2022

FÁBIO ANÍSIO BATISTA SÉRVOLO JÚNIOR

**AS INFLUÊNCIAS DO USO DO CELULAR NA PRODUÇÃO DE VÍDEO-
REPÓRTEGEM NA TV PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Área de concentração: Comunicação

Orientador: Prof. Dr. Jurani Oliveira Clementino

CAMPINA GRANDE

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S492i Servolo Junior, Fabio Anisio Batista.

As influências do uso do celular na produção de vídeo-repórta-
gens na TV Paraíba [manuscrito] : . / Fabio Anisio
Batista Servolo Junior. - 2022.

23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Sociais Aplicadas , 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Jurani Oliveira Clementino ,
Coordenação do Curso de Jornalismo."

1. Vídeo-reportagem . 2. Uso de celular. 3. Mobilidade. 4.
Rotina de produção. 5. TV Paraíba. I. Título

21. ed. CDD 070.4

FÁBIO ANÍSIO BATISTA SÉRVOLO JÚNIOR

AS INFLUÊNCIAS DO USO DO CELULAR NA PRODUÇÃO DE VÍDEO- REPÓRTEGEM NA TV PARAÍBA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Área de concentração: Comunicação

Aprovada em: 23 / 11 /2022 .

BANCA EXAMINADORA

Jurani Oliveira Clementino

Prof. Dr. Jurani Oliveira Clementino (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Elane Gomes da Silva Oliveira

Profa. Dr^a. Elane Gomes da Silva Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ana Maria de Sousa Pereira

Profa. Ma. Ana Maria de Sousa Pereira
Centro de Educação Superior Reinaldo Ramos (CESREI)

AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiro a Deus por ter me permitido cursar jornalismo, um curso que eu sempre almejei;

Ao meu avô Nezinho (*In memoriam*), um sapateiro que não teve condições de concluir os seus estudos, mas que, na minha infância, sempre me incentivou e me mostrou que estudar era o melhor caminho;

A minha mãe, Alanna, uma professora que me incentivou e me deu condições para que eu pudesse focar apenas nos estudos. Sem o apoio dela, eu não chegaria muito longe;

Ao meu pai Fábio, por me incentivar e sempre me cobrar em relação aos estudos;

A minha avó, Aguida, também professora, pelos incentivos e por estar presente em todos os momentos da minha educação;

A minha irmã, Agdylannah, por sempre escutar os meus desabafos e me apoiar na produção acadêmica;

A todos os professores que contribuíram no meu aprendizado desde a época do Pio XI, Balão Mágico, IFPB até a Universidade Estadual da Paraíba. Vocês me deram o mundo e eu sou grato por isso;

Ao meu orientador, Dr. Jurani Oliveira Clementino por toda disponibilidade e contribuição na produção deste trabalho;

As componentes da minha banca Dr^a Elane Gomes da Silva Oliveira e Ma. Ana Maria de Sousa Pereira por aceitarem o convite e por também terem contribuído na minha formação acadêmica;

E a todos os colegas que eu fiz ao longo dessa trajetória.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. JORNALISMO E MOBILIDADE	9
3. O PAPEL DO VÍDEO-REPÓRTER E A RECONFIGURAÇÃO DA ROTINA DE PRODUÇÃO	11
3.1 NOVOS CENÁRIOS	12
4. VÍDEO-REPORTAGEM NA PRÁTICA: O USO DO CELULAR NA TV PARAÍBA	13
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
6. REFERÊNCIAS	20
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A VÍDEO-REPÓRTER ...	23
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O EDITOR CHEFE	24

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Vídeo-reportagem Corrida de Rua	15
Figura 2 - Vídeo-reportagem Acidente Campina	16

AS INFLUÊNCIAS DO USO DO CELULAR NA PRODUÇÃO DE VÍDEO-REPÓRTEGEM NA TV PARAÍBA

Fábio Anísio Batista Sérvolo Júnior

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise sobre as influências do uso do celular na produção de vídeo-reportagens na TV Paraíba, afiliada da rede Globo, em Campina Grande-PB. A intenção do presente artigo é analisar a mobilidade proporcionada pelo uso do celular na produção de vídeo-reportagens na emissora, avaliando o papel multifuncional do vídeo-repórter dentro desse processo, além de compreender quais foram os fatores que levaram a empresa a investir no uso do celular em sua produção jornalística. Como ferramenta metodológica foi utilizada a técnica de entrevista semiestruturada, através da coleta de informações do editor chefe da emissora e da vídeo-repórter. Os resultados levaram à conclusão de que além do baixo custo o celular ampliou a mobilidade do vídeo-repórter e deu mais opções de produção para a emissora.

Palavras-chave: Vídeo-reportagem. Celular. Mobilidade. Rotina de produção.

RESUMEN

Este trabajo presenta un análisis sobre las influencias del uso del celular en la producción de video reportajes en la TV Paraíba, afiliada de la red Globo, en Campina Grande-PB. La intención del presente artículo es analizar la movilidad proporcionada por el uso del celular en la producción de vídeo reportajes en la emisora, evaluando el papel multifuncional del vídeo reportero en ese proceso, Además de comprender cuáles fueron los factores que llevaron a la empresa a invertir en el uso del celular en su producción periodística. Como herramienta metodológica se utilizó la técnica de entrevista en semiestruturada, a través de la recolección de información del editor jefe de la emisora y de la video-reportera. Los resultados llevaron a la conclusión de que además del bajo costo el celular amplió la movilidad del vídeo reportero y dio más opciones de producción para la emisora.

Palabras clave: Video reportaje. Celular. Movilidad. Rutina de producción.

1. INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos ao longo dos anos modificaram o processo de produção, edição, distribuição e entrega de conteúdo no jornalismo. Se antes, a máquina de escrever, o gravador de voz, o microfone e a câmera (fotográfica ou filmadora) eram ferramentas indispensáveis na execução do trabalho do jornalista, hoje, elas continuam sendo fundamentais para o desenvolvimento da atividade jornalística, contudo um único dispositivo consegue reunir todas essas funcionalidades.

Historicamente, os jornalistas e as empresas de comunicação sempre se adaptaram às novas realidades tecnológicas e moldaram a produção do seu conteúdo de acordo com a realidade de cada época. Porém, a mobilidade entregue pelo celular tem sido potencializada com a alta performance da internet, permitindo que o jornalista possa explorar novas possibilidades dentro e fora do seu ambiente de trabalho, além de executar múltiplas tarefas no seu dia a dia.

No telejornalismo, esses avanços tecnológicos têm sido aproveitados na produção de vídeo-reportagens e na mobilidade dos profissionais que conseguem produzir, coletar, editar e entregar o conteúdo de onde estiverem.

O tema deste artigo permeia sobre o uso do celular na produção de vídeo-reportagens no telejornalismo da TV Paraíba. O trabalho está dividido em três eixos temáticos, o primeiro, traz uma discussão sobre jornalismo móvel, evidenciando as possibilidades de produção através da emissão de conteúdo em mobilidade, por meio de um dispositivo móvel, portátil e com conexão online, destrinchando as suas fases de desenvolvimento ao longo das últimas décadas. O segundo, destaca o surgimento do vídeo-repórter, um profissional multifuncional que se adaptou ao uso do celular e teve sua rotina de produção reconfigurada. O terceiro e último eixo temático, discute os novos cenários proporcionados pela inserção do celular na produção de vídeo-reportagens no telejornalismo, apontando as razões que levam as empresas jornalísticas a investirem nesse seguimento.

A partir de uma discussão teórico-conceitual sobre jornalismo móvel e a inserção de novas tecnologias na produção de reportagens televisivas, buscamos como **objetivo geral** da pesquisa examinar a influência do uso do celular na produção de vídeo-reportagens na TV Paraíba, segundo o conceito de mobilidade. Para explorarmos o objetivo proposto, desmembramos o entendimento sob essa ótica também com os **objetivos específicos**: **1.** Analisar a mobilidade proporcionada pelo celular na produção de vídeo-reportagens na emissora; **2.** Avaliar o papel multifuncional do vídeo-repórter com a inserção do celular na rotina de produção do telejornalismo da TV Paraíba; **3.** Compreender os fatores que levaram a emissora a investir no uso do celular na produção de vídeo-reportagens em seu telejornal.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi utilizada a técnica da entrevista semiestruturada, pois, acreditamos que através desse método poderíamos levantar um volume maior de dados a partir da transcrição na íntegra da verbalização de cada entrevistado.

São fatos inquestionáveis que as entrevistas semi-estruturadas, em que o discurso dos sujeitos foi gravado e transcrito na íntegra, produzem um volume imenso de dados que se acham extremamente diversificados pelas peculiaridades da verbalização de cada um (ALVES; SILVA, 1992, p. 65).

Por se tratar de uma pesquisa de natureza participativa, nossa intenção neste trabalho foi examinar quais as influências do uso do aparelho celular na produção de vídeo-reportagens na TV Paraíba a partir da imersão do autor na redação da emissora através do estágio na área de telejornalismo.

A pesquisa participante consiste numa investigação efetivada a partir da inserção e na interação do pesquisador ou da pesquisadora no grupo, comunidade ou instituição investigado [...] A pressuposição de inserção do investigador no ambiente natural de ocorrência do “fenômeno” que se pretende estudar é fundamental para compreender a pesquisa participante e pode ser tomada como a base de seus procedimentos metodológicos. (PERUZZO, 2017, p.163).

Além da coleta de dados, também foi realizada uma pesquisa bibliográfica a fim de contextualizar o tema com embasamento teórico de algumas pesquisas já realizadas referentes as influências do uso do celular no telejornalismo e às questões intrínsecas ao jornalismo móvel, a fim de trazer uma melhor compreensão sobre os temas trabalhados.

Por ser uma experiência nova na TV Paraíba, apenas uma profissional foi contratada para a função de vídeo-repórter, majoritariamente ela produz vídeo-reportagens para o JPB2 e também tem o seu material veiculado no Bom dia Paraíba, JPB1, Globo Esporte-PB e Paraíba Comunidade, programas estadualizados que são gravados e gerados pela TV Cabo Branco, em João Pessoa, que também é subsidiária da Rede Paraíba de Comunicação, assim como a TV Paraíba. Esses programas estadualizados são transmitidos em cadeia nas duas emissoras.

Para a execução do seu trabalho a vídeo-repórter utiliza um celular da própria emissora, da marca americana *Apple* (com plano de dados móveis), um tripé com suporte para iluminação e um microfone. Para se deslocar da redação até às ruas ela utiliza o veículo da empresa. Na sua rotina produtiva ela grava imagens, passagem¹, e sonora² até retornar para redação para gravar o off³ e destinar o material para os editores de texto e imagem, logo, esse foi o principal critério adotado para a sua escolha. Também foi entrevistado o editor chefe da TV Paraíba, que além de apresentar o JPB2 de Campina Grande, também é responsável pela linha editorial da emissora e pelos profissionais do setor de jornalismo como: repórteres, produtores, cinegrafistas, editores de texto e de editores de imagem. A gestão orçamentária de custos e contratações do setor de jornalismo também é uma das suas atribuições.

Para fomentar as entrevistas, foram elaborados dois roteiros com perguntas distintas, um para o editor chefe da emissora e outro para a vídeo-repórter. Tendo em vista que as informações obtidas através da vídeo-repórter necessitam de questionamentos diferentes, não seria possível utilizar o mesmo

¹ Passagem: momento em que o repórter aparece na reportagem para trazer alguma informação adicional;

² Sonora: entrevista com algum personagem;

³ Off: texto narrado pelo repórter.

roteiro que foi utilizado para o editor chefe da emissora. No entanto, os dois roteiros, ainda que com perguntas distintas, permeiam sobre a mesma temática, permanecendo no enredo e na problemática do artigo, apenas com perspectivas diferentes.

À vídeo-repórter, o roteiro trouxe questionamentos sobre os desafios encontrados na execução do seu trabalho nas ruas e ao aproveitamento das funcionalidades do celular em um cenário de jornalismo móvel. Já ao editor chefe, o roteiro trouxe indagações sobre os fatores que levaram a emissora a investir no uso do celular em sua produção jornalística.

Os investimentos recentes na utilização de equipamentos móveis na produção de reportagens na TV Paraíba, emissora afiliada da rede Globo, em Campina Grande, inaugurada na virada do ano de 1987, que é responsável pela geração e gravação do JPB2 de Campina Grande, um telejornal local que alcança cerca de 70% dos municípios do Estado da Paraíba e a inserção do autor na produção do JPB 2, através do estágio, sugerindo ou elaborando pautas a serem desenvolvidas pela vídeo-repórter com o celular, motivaram a escolha do tema e o desenvolvimento desse artigo.

As vídeo-reportagens têm ganhado cada vez mais espaço dentro do telejornalismo, com isso, os profissionais e as empresas devem estar preparadas para explorar a mobilidade proporcionada pelo uso do celular em um cenário de alta performance de captação e transmissão de informações. Dessa forma, debater sobre as influências do uso do celular na produção de vídeo-reportagens, destacando as razões que levaram os profissionais e as empresas de comunicação a se adaptarem e investirem nessa nova modalidade é de suma importância para entendermos todo o contexto de mobilidade na realidade que estamos inseridos.

2. JORNALISMO E MOBILIDADE

O conceito de jornalismo móvel nos leva a enxergar inúmeras possibilidades no fazer jornalístico contemporâneo, de acordo com Silva (2013), o jornalismo móvel nada mais é do que uma modalidade de atuação por meio de tecnologias portáteis que permite maior facilidade nos deslocamentos físicos ou informacionais. Atualmente, essa modalidade vem ganhando força com a alta performance das redes digitais móveis.

Porém, o jornalismo móvel não é uma característica própria dos tempos atuais, intrinsecamente, o jornalismo sempre esteve atrelado a mobilidade, desde a sua existência quando a informação era coletada e transmitida para o receptor de forma arcaica. Entretanto, segundo Silva (2009), com toda estrutura móvel de comunicação que nós temos ultimamente, o jornalismo acaba rompendo a barreira da estrutura tradicional, através da emissão de conteúdo em mobilidade, por meio de um dispositivo móvel, portátil e com conexão online.

Em seus estudos, Silva (2013) caracterizou o desenvolvimento do jornalismo móvel e o classificou em cinco fases:

A primeira fase é a Tele-analógica (entre os anos de 1960 e 1970), onde a estrutura de produção da notícia ainda tinha forte herança no uso do telégrafo sem fio, do gravador de rolo, das ondas do rádio e das câmeras fotográficas e de vídeo. Esses equipamentos eram mais carregáveis que portáteis. Nessa fase,

o rádio e o jornal impresso foram mais beneficiados e a rotina de produção só conseguia contemplar uma mídia por vez.

A segunda fase, denominada de Portátil analógica (1980), contava com o surgimento do gravador portátil que possuía algumas limitações em termos de transmissão. As rotinas de produção também contemplavam apenas uma mídia nesta fase.

A terceira fase, Mobilidade expansiva (1990), contou com o surgimento de novos dispositivos, como câmeras digitais, notebooks, palmtops e uso de redes de telefonia digital para o envio de conteúdos de voz e texto. As rotinas começam a mudar nesta fase, através dela, a produção para multiplataformas como rádio, jornal e internet começaram a ganhar forma.

A quarta fase, Ubíqua (2000), contou com a expansão da relação entre jornalismo e mobilidade com redes sem fio, 3G, WI-FI e computadores portáteis. As rotinas continuaram se ampliando e os jornalistas passaram a ter ainda mais responsabilidades, produzindo conteúdo para mais de uma mídia. Nessa fase, o jornalismo móvel digital se consolidou na teoria e na prática.

Por fim, a quinta fase, denominada de Alta performance e Era Pós-PC, que compreende o ano de 2010 até os dias de hoje. Essa é uma fase de desenvolvimento avançado de tecnologias de captação e transmissão de informações, contando com o auxílio de equipamentos cada vez menores e com alta capacidade de envio e recepção de mensagens. Essa fase demarca a “Era Pós-PC” (computação em nuvem) e o uso dos aplicativos.

Nesse sentido, o jornalismo móvel segue em constante desenvolvimento, agora, com um telefone celular conectado a uma rede móvel, o jornalista tem um leque de possibilidades em sua rotina de produção e pode usufruir de diversas funcionalidades desse equipamento, como destaca Lemos:

O que chamamos de telefone celular é um Dispositivo (um artefato, uma tecnologia de comunicação); Híbrido, já que congrega funções de telefone, computador, máquina fotográfica, câmera de vídeo, processador de texto, GPS, entre outras; Móvel, isto é, portátil e conectado em mobilidade funcionando por redes sem fio digitais, ou seja, de Conexão; e Multirredes, já que pode empregar diversas redes, como: Bluetooth e infravermelho, para conexões de curto alcance entre outros dispositivos; celular, para as diversas possibilidades de troca de informações; internet (Wi-Fi ou WiMax) e redes de satélites para uso como dispositivo GPS. (LEMOS, 2007, p.2).

Com os avanços tecnológicos ao longo das últimas décadas, o jornalismo móvel digital conseguiu vencer as limitações do *mass media*⁴ e ampliou as possibilidades de produção, consumo e distribuição de conteúdo, como pontua Lemos:

Com as novas mídias móveis digitais, ampliam-se as possibilidades de consumir, produzir e distribuir informação, fazendo com que está se exerça e ganhe força a partir da mobilidade física. Por exemplo, o simples ato banal de enviar um SMS, uma foto, postar no blog ou alimentar redes sociais com um telefone celular, revela essa nova relação sinérgica entre as mobilidades, impossível com os mass media. Com estes era possível apenas o consumo em mobilidade (ouvir rádio no carro, ler um livro no avião ou revista e jornal no ônibus...), sendo a

⁴ Meios de comunicação de massa (televisão, jornal, rádio, imprensa, etc.).

capacidade produtiva rara e a de distribuição imediata impossível. (LEMOS, 2009, p. 30).

As implicações de Lemos (2009) e Silva (2013) sobre o desenvolvimento dos equipamentos móveis digitais, dão início a uma nova discussão sobre a reconfiguração do jornalista na Era Pós-PC, a partir da inserção do celular em sua rotina de trabalho, gerando uma polivalência funcional (BECCARI; BERTOL, 2018), onde o jornalista executa diversas funções (apuração, captação de imagens, edição e etc.) dentro ou fora das redações.

Na velocidade em que a tecnologia móvel se desenvolve (CANAVILHAS; RODRIGUES, 2017), o jornalista deve fazer um esforço para acompanhá-la, caso contrário, ele pode acabar sendo ultrapassado pelas tecnologias. Esse debate também abre uma discussão sobre qual seria o novo papel do jornalista dentro desse cenário? E quais são as mudanças que vem acontecendo dentro da sua rotina de produção? Já que o uso do celular tem influenciado diretamente no seu trabalho.

3. O PAPEL DO VÍDEO-REPÓRTER E A RECONFIGURAÇÃO DA ROTINA DE PRODUÇÃO

No Brasil, a primeira experiência com o vídeo-repórter foi em 1987, na TV Gazeta, em São Paulo, através do programa TV MIX, feito de forma amadora por estudantes e profissionais de outras áreas de atuação, que saíam às ruas para captar imagens da cidade com câmeras VHS. As gravações iam ao ar sem passar pela edição. Essa experiência foi uma alternativa para conter os gastos da emissora. Pouco tempo depois, a produção desse conteúdo foi assumida por jornalistas, mas, não durou por muito tempo e, após três anos, o programa acabou saindo da grade da TV Gazeta (THOMAZ, 2006).

Com desenvolvimento significativo das ferramentas de reportagem e a expansão das redes sem fio e dos computadores portáteis, foi por volta de 2007 que a concepção de MoJo (*mobile journalist*) ou jornalista móvel passou a ganhar força no âmbito da comunicação. Com a inserção do celular conectado a uma rede móvel em sua rotina de produção o jornalista passou a reunir e transmitir notícias com um único equipamento, agora, ele não só era capaz de realizar uma transmissão ao vivo para a internet, como também podia gravar áudios, tirar fotos, filmar, editar vídeos, escrever textos, fazer uma publicação e até mesmo trocar informações simultaneamente com outros jornalistas dentro ou fora das redações (QUINN, 2014).

A dinâmica proporcionada por esse dispositivo em um cenário de alta performance na captação e transmissão de informações fez com que o jornalista se tornasse cada vez mais versátil e multifuncional, trazendo mais instantaneidade e agilidade ao seu trabalho, transformando-se em uma ferramenta indispensável na sua rotina de produção. Porém, segundo Lourival Sant'anna, esse dinamismo levanta alguns questionamentos acerca da qualidade da apuração jornalística:

A prática de alguns meios digitais de encarregar seus repórteres de voltarem para a redação com conteúdos em mais de uma linguagem deu origem à expressão "jornalista de mochila" e a questionamentos sobre a possível queda de qualidade na apuração jornalística, dada a sobrecarga de tarefas e de preocupações com aspectos técnicos, por

mais simplificadas que sejam as operações dos novos aparelhos digitais. (SANT'ANNA, 2008, p.12).

As facilidades promovidas pela inserção das novas ferramentas tecnológicas no trabalho do repórter permitiram que ele aumentasse a sua produção e fosse capaz de produzir tanto de forma ao vivo, quanto gravada. (VIZEU et.al, 2020).

As transformações tecnológicas também impactaram o telejornalismo e proporcionaram o surgimento de um novo profissional, mais moderno e multifuncional, capaz de sozinho produzir e finalizar um conteúdo jornalístico, como descreve Daniel Yoshyaky:

O avanço tecnológico alcançou também o telejornalismo. Com esse alcance, nota-se que houve o surgimento de um novo profissional, ou melhor, uma modernização do jornalista. O repórter do telejornalismo, ainda sem considerar o infotainment, passou a ser multifuncional, ou seja, passou a atuar da produção até a finalização do produto jornalístico. (YOSHYAKY, 2013, p.21).

No telejornal, esse profissional multifuncional pode assumir sozinho as funções de produtor, cinegrafista, editor de texto e imagens, sendo capaz de produzir vídeo-reportagens televisivas com off, passagem, sonoras e imagens apenas com o uso do celular (THOMAZ, 2006). A vídeo-reportagem é mais ágil e prática em sua produção, diferente de uma reportagem tradicional, nela, o próprio repórter se desloca da redação até o local desejado e a notícia é exibida através de imagens dinâmicas. Em sua execução, o vídeo-repórter torna-se testemunha e um personagem dos acontecimentos. (PESOTI, 2011).

3.1 NOVOS CENÁRIOS

Além da agilidade, dinamismo e mobilidade proporcionada por esse formato, um outro atrativo dessa produção é o seu baixo custo. A proposta de um único profissional executar todas as etapas da reportagem desde a pesquisa, produção, entrevistas e imagens, atrai o interesse das empresas jornalísticas, mas também levanta uma antiga discussão em relação ao acúmulo funções do profissional de comunicação, que acaba desenvolvendo todas as etapas de produção. (THOMAZ, 2006).

Essa nova realidade tem feito com que as empresas de comunicação passem a explorar os novos cenários proporcionados pelo desenvolvimento avançado de tecnologias móveis e a investir em ferramentas que favoreçam na dinâmica e execução da produção jornalística, como destaca Melo:

O telejornalismo, por tanto, é afetado por essas mudanças, especialmente, após a inserção do modelo digital, onde as empresas passaram a investir em tecnologias que favorecem uma comunicação ágil e dinâmica, e isso passa necessariamente pela integração das novas mídias a rotina de trabalho e a uma profunda mudança no conteúdo produzido e na maneira de se fazer jornalismo. (MELO, 2020, p.17)

Segundo Mello (2009), as empresas de telejornalismo devem investir na aquisição de equipamentos de última geração e na contratação de profissionais qualificados, senão, elas serão ultrapassadas pelos acontecimentos de impacto na sociedade. À vista disso, os profissionais de telejornalismo também devem estar atentos as mudanças e aos avanços tecnológicos para não perderem de vista as novas tendências dos meios de comunicação.

Para Fachel (2011), a TV continua sendo um negócio caro que requer investimentos em bons equipamentos e bons profissionais, caso contrário, não será possível ter um produto final de qualidade. Em resumo, no telejornalismo o improvisado pode até funcionar por um tempo, mas, a longo prazo, não consegue ter consistência. No tópico a seguir vamos analisar de que forma a TV Paraíba tem investido nas vídeo-reportagens, destacando todos os pontos dessa produção na emissora.

4. VÍDEO-REPORTAGEM NA PRÁTICA: O USO DO CELULAR NA TV PARAÍBA

Os resultados dessa pesquisa foram obtidos através da metodologia de entrevista semiestruturada, onde foram entrevistados uma vídeo-repórter e um editor chefe da TV Paraíba, ambos estão diretamente ligados a produção de vídeo-reportagens na emissora. As entrevistas foram realizadas de forma presencial na sede da empresa, no dia 7 de novembro de 2022. Após as entrevistas, todo material foi transcrito, para identificar os pontos principais das falas de cada entrevistado. Nos resultados da pesquisa, examinamos as respostas para que elas dialogassem com o objeto de pesquisa e confrontassem com a literatura.

A primeira experiência com o celular na produção de reportagens na TV Paraíba foi em outubro de 2018, na série “Pelas lentes do celular” que contava com a elaboração de três reportagens especiais feitas exclusivamente com o celular. Todas essas reportagens foram exibidas no dia do aniversário de 154 da cidade de Campina Grande-PB.

A proposta de inserir o celular na produção de reportagens no telejornalismo da TV Paraíba, surgiu a partir de vivências dentro da Rede Globo de Comunicação, emissora da qual a TV Paraíba é afiliada aqui em Campina Grande, nas últimas décadas. O que embasou o investimento nos equipamentos móveis para a produção do telejornalismo da emissora foram os experimentos da Globo em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Essa ideia surgiu a partir de vivências que aconteciam dentro da própria Globo. A emissora passou a investir na chamada Geração Y, que são os jovens talentos que estão surgindo, e que saiam para o campo para fazer reportagem nas ruas. São Paulo e Rio de Janeiro foram as primeiras capitais a serem testadas em função do trânsito. Essas cidades têm um trânsito muito complicado. Com isso, os colegas começaram a sair inicialmente com um kit pequenininho composto por microfone, celular e um tripé que cabia em uma caixinha. A partir daí eles perceberam que a mobilidade e a facilidade de deslocamento eram muito maiores com esses equipamentos (Carlos Siqueira em entrevista concedida ao autor no dia 7 de novembro de 2022).

A Geração Y, citada pelo nosso entrevistado, é composta por indivíduos nascidos entre os anos de 1980 e 2000, possui muita familiaridade com a internet

e suas tecnologias porque cresceram em um cenário de grande desenvolvimento tecnológico. Seus integrantes são considerados indivíduos multitarefas, pois, conseguem estudar lendo e-mails e notícias, escutando música e conversando. (HUNTLEY, 2006, apud LEMOS et.al, 2014).

Nessa experiência da Globo, eles perceberam também que aqueles jovens repórteres traziam texto pronto, traziam imagens prontas, traziam praticamente todo o material editado. Então, o que se viu foi que uma ferramenta menor e um equipamento menor, poderiam trazer mais velocidade, sem abrir mão da qualidade, principalmente, num tempo em que a gente está discutindo a velocidade da informação (Carlos Siqueira em entrevista concedida ao autor no dia 7 de novembro de 2022).

Segundo o editor chefe da emissora, a intenção de inserir um aparelho menor e mais fácil de transportar na produção de reportagens no telejornalismo da TV Paraíba e delegar uma repórter para executar a função de vídeo-repórter não reduziu as equipes de reportagem convencionais compostas por repórter e cinegrafista. Segundo ele, a vídeo-reportagem é mais uma opção de produção na emissora.

Depois dos experimentos da Globo, começamos a fazer levantamentos para investirmos nesses equipamentos em nossa redação, claro, sem abrir mão das nossas equipes de reportagem tradicionais. No caso da TV Paraíba, o vídeo-repórter é uma opção a mais, principalmente quando as demais equipes estiverem ocupadas. (Carlos Siqueira em entrevista concedida ao autor no dia 7 de novembro de 2022).

Após passar por um treinamento para o usar o celular em vídeo-reportagens, Lidice Pegado foi escolhida para exercer a função de vídeo-repórter na TV Paraíba.

Quando eu recebi a proposta para trabalhar como vídeo-repórter, para mim foi um desafio, eu ficava me questionando muito acerca das limitações e do medo de ir para a rua sozinha com o celular, mas hoje, eu vejo que o celular tem contribuído muito na nossa produção.

Embora Lídice já entendesse todo o processo de produção da TV Paraíba, ela teve que passar por dois treinamentos, o primeiro, foi interno, dentro da própria emissora, focado na produção de reportagens convencionais (sem o uso do celular). O segundo, foi na Inter TV Cabugi, afiliada da Rede Globo, em Natal, Rio Grande do Norte, que já fazia o uso do celular na produção de vídeo-reportagens e entradas ao vivo em os seus telejornais. Das cinco equipes de reportagem da Inter TV Cabugi, três eram vídeo-repórteres.

Meu primeiro contato com vídeo-reportagem foi na Inter TV Cabugi, de Natal, lá eu pude passar três dias acompanhando a rotina deles. Lá eu aprendi um pouco essa questão da imagem feita com o celular, como é que eles faziam para entrar ao vivo com o aparelho, como fazer um ao vivo mais demonstrativo, sem ter o cinegrafista para auxiliar, como fazer a derivação das imagens e também pude acompanhar as equipes na rua, lá é uma empresa que das cinco equipes de reportagem, três são vídeo-repórteres (Lídice Pegado em entrevista concedida ao autor no dia 7 de novembro de 2022).

Após ela passar pelo processo de treinamento, pouco a pouco as vídeo-reportagens foram sendo inseridas na produção da TV Paraíba. Ela foi testando e aperfeiçoando as vídeo-reportagens na prática. Nesse processo, ela também contou com a contribuição dos colegas de trabalho da própria empresa, numa espécie de troca de aprendizado. Troca essa, que para Deleuze (2006) é extremamente saudável e faz com que o profissional encontre junto do outro a invenção de novas possibilidades.

Eu aprendi na prática, às vezes, eu chegava com o material da rua e os editores me chamavam na ilha de edição e diziam “essa imagem não ficou bacana, da próxima vez você faz assim..”, “quando for fazer alguma imagem para cobrir a sua reportagem, estabilize a câmera e tente pegar 10 segundos do objeto que você quer mostrar” (Lídice Pegado em entrevista concedida ao autor no dia 7 de novembro de 2022).

Lídice cita duas vídeo-reportagens que foram produzidas e gravadas recentemente em Campina Grande e foram exibidas no Bom Dia Paraíba, telejornal estadualizado que é transmitido na TV Paraíba e Cabo Branco, onde o celular foi utilizado para favorecer a mobilidade do seu trabalho. A primeira, foi ao ar no dia 24 de outubro de 2022, e falou sobre uma corrida de rua que aconteceu em um domingo de manhã na cidade:

Figura 1: Vídeo-reportagem Corrida de Rua



Fonte: Captura de tela do Globoplay realizada pelo autor

Além da mobilidade, o uso do celular nessa vídeo-reportagem auxiliou a repórter na construção da sua narrativa. O simples fato dela estar inserida diretamente no circuito da corrida tornou a sua presença ainda mais forte na reportagem (SILVA; RODRIGUES, 2014).

Em algumas situações, eu prefiro fazer o material sozinha. Naquela vídeo-reportagem da corrida da corrida de rua que eu fiz com o celular, microfone e um tripé de mão, eu consegui entrar no meio do povo, acompanhei todo o circuito de perto, e, quando eu achava necessário, parava para fazer imagens mais estabilizadas, talvez, se eu fosse com

o cinegrafista com aquela câmera convencional eu não conseguiria ter imagens de dentro da corrida (Lídice Pegado em entrevista concedida ao autor no dia 7 de novembro de 2022).

A segunda, foi ao ar no dia 27 de outubro de 2022 e abordou um assunto factual onde um motociclista colidiu em um carro numa rodovia estadual de Campina Grande:

Figura 2: Vídeo-reportagem acidente Campina



Fonte: Captura de tela do Globoplay realizada pelo autor

Nessa outra vídeo-reportagem, a repórter citou que teve facilidade para se locomover até o local do acidente e que chegou a tempo de fazer o registro, mas encontrou um cenário com pouca iluminação e, em virtude disso, teve dificuldades para fazer as imagens com o celular.

Embora eu tenha encontrado uma facilidade para chegar no local a tempo de garantir o VT, naquele caso, eu também tive dificuldades no que se refere a iluminação. Como estava de noite, algumas imagens e a minha própria passagem ficaram um pouquinho granuladas, não chegou a comprometer a reportagem, mas não ficou 100% como eu queria (Lídice Pegado em entrevista concedida ao autor no dia 7 de novembro de 2022).

A partir das entrevistas e da vivência na rotina de produção da emissora, foi possível perceber que a modalidade de vídeo-repórter ainda está em fase experimental na emissora e que tem sido explorada majoritariamente em vídeo-reportagens factuais gravadas, onde não se exige tanta riqueza de detalhes, ou em stand-up's gravados, uma variação da vídeo-reportagem, onde o repórter entra sozinho com o celular para resumir informações sobre um determinado assunto sem explorar tanto os recursos de imagem.

Hoje, as vídeo-reportagens têm aparecido muito no nosso dia a dia de produção. No instante em que você tem as equipes tradicionais fazendo a cobertura de matérias mais trabalhadas, o vídeo-repórter

pode ser utilizado em matérias factuais, por exemplo. Se surgir um fato de última hora perto do início do jornal que não dê tempo de a equipe convencional ir, você manda o vídeo repórter até o local, ele monta o celular no tripé, se enquadra, e dali mesmo faz a reportagem (Carlos Siqueira em entrevista concedida ao autor no dia 7 de novembro de 2022).

Também foi possível notar que mesmo tendo condições da repórter entrar ao vivo com o celular conectado a uma rede de internet móvel ou enviar o *off*, passagem e as imagens diretamente da rua para serem editadas na redação, essa possibilidade muito pouco foi explorada no JPB2 de Campina, e nos telejornais estadualizados (Bom dia PB; JPB1; Globo Esporte PB e Paraíba Comunidade) que a emissora ajuda a produzir em parceria com a TV Cabo Branco de João Pessoa. Nesse quesito, a produção de vídeo-reportagens com o celular não consegue explorar o que Silva (2013) classifica como a quinta fase de desenvolvimento do jornalismo móvel, denominada de Alta performance e Era Pós-PC, se apropriando ao máximo as tecnologias de captação e transmissão de informações.

Dentre as vantagens percebidas na produção de vídeo-reportagens com o celular na TV Paraíba está a liberdade de produção em um cenário onde o vídeo-repórter pode usufruir da mobilidade do seu equipamento para pensar e executar as suas próprias pautas.

Um das vantagens é a questão da liberdade para produzir o material, muitas vezes quando surge uma pauta, eu já penso se consigo executá-la com o celular, também penso nas imagens e quando vejo que rende uma vídeo-reportagem, vou direto para a rua (Lídice Pegado em entrevista concedida ao autor no dia 7 de novembro de 2022).

Essa fala da vídeo-repórter reflete o pensamento trazido por Pastor (2010) sobre a viabilidade que o jornalista tem em se trabalhar de forma móvel, através das ferramentas de mobilidade e multimídia.

Algumas experiências com mobile journalism, demonstram a viabilidade em se criar uma equipe para trabalhar de forma móvel, desamarrada da redação fixa e com mais liberdade proporcionada por ferramentas de mobilidade e multimídia. Estes repórteres móveis passam a desenvolver um habitus jornalístico diferenciados (PASTOR, 2010, p.12).

Por outro lado, essa liberdade de produção proporcionada pela inserção do celular no exercício da atividade do vídeo-repórter na TV, muitas vezes, tem sido utilizada como uma cortina de fumaça para camuflar o acúmulo de função e a redução de profissionais na redação (BULHÕES; RENAULT, 2016) fazendo com que esse profissional assumira ainda mais responsabilidades dentro do seu ambiente de trabalho.

Em relação ao aproveitamento do vídeo-repórter, a TV Paraíba está atrasada em comparação ao que já vem sendo feito dentro do grupo Globo ou até mesmo pelo que vem sendo desenvolvido na Inter TV Cabugi, em Natal, que utiliza o celular para realizar entradas ao vivo em seus telejornais como Lídice citou. Nesse ponto, nota-se que há um desperdício de possibilidades na emissora ao não aproveitar todas as funcionalidades proporcionadas pela fase de Alta performance e Era Pós-PC (SILVA, 2013).

Outra diferença sentida na fala de Lídice entre a produção de vídeo-reportagens da TV Paraíba e da Inter TV Cabuqi, está na finalização do produto. Dentre os três profissionais que exercem a função de vídeo-repórter na Inter TV, um deles já entrega o material completo pronto para ser exibido.

Um deles, mas experiente e gabaritado, produzia todo o material, grava o texto, passava para o computador e ele mesmo editava, sem passar por um editor de texto ou de imagem, mas essa não era uma exigência da empresa, era uma forma de trabalhar dele (Lídice Pegado em entrevista concedida ao autor no dia 7 de novembro de 2022).

Em uma das respostas ao nosso questionário, o editor chefe da TV Paraíba não descarta essa modalidade na emissora no futuro, mas acredita que para que um profissional da empresa possa exercer todas as etapas de confecção de uma reportagem, ele precisa adquirir mais experiência.

Para você transformar um vídeo-repórter em um profissional que entrega tudo prontinho tem várias nuances, ele tem que está muito bem preparado para isso, tem que sacar de edição e entender todo o contexto de produção. Você não pode pegar alguém que está começando e colocá-lo para executar essa atividade logo de cara, ele tem que ser habilitado, treinado e preparado para desempenhar a função. Agora não, mas, eu acredito que breve nós podemos desempenhar essa modalidade (Carlos Siqueira em entrevista concedida ao autor no dia 7 de novembro de 2022).

Para Lídice, a reportagem precisa passar por outros olhares para que ela seja aprimorada e para que não se tenha apenas uma percepção sobre o assunto abordado.

Por mais que a gente saiba executar, a gente precisa de outros olhares na reportagem. Quando a gente manda uma matéria para ilha de edição, muitas vezes, pela própria experiência, os editores conseguem compreender se a informação está confusa ou não, e se a reportagem pode ser aprimorada. Não acho que seja saudável para a qualidade jornalística a gente ter um profissional fazendo tudo, porque assim, a gente só vai ter um olhar sobre um determinado assunto (Lídice Pegado em entrevista concedida ao autor no dia 7 de novembro de 2022).

Outra questão levantada em nossa entrevista foi a queda de qualidade na apuração do conteúdo em virtude da sobrecarga de tarefas (SANT'ANNA, 2008), na visão de Lídice, não há uma queda na apuração quando ela vai para a rua com o celular, mas há uma preocupação com o aumento das responsabilidades devido a execução de várias atividades.

Não, eu não noto uma queda de qualidade na apuração quando eu estou na rua com o celular. Agora, eu percebo que eu fico mais presa porque eu tenho que garantir as sonoras e levar imagens suficientes para cobrir o meu off. O que me deixa preocupada é que eu preciso pegar esse material e voltar a tempo para TV para conseguir fechar (Lídice Pegado em entrevista concedida ao autor no dia 7 de novembro de 2022).

Conforme foi evidenciado, as transformações tecnológicas também impactaram o telejornalismo (YOSHYAKY, 2013) e, influenciaram diretamente a rotina de produção (THOMAZ, 2006) dos jornalistas, que tiveram que se adaptar à essa nova reconfiguração do mercado. Essa mudança de cenário também modificou o olhar de quem contrata.

Hoje as empresas não querem contratar um jornalista como na minha época, alguém que só trabalha na reportagem. O mundo mudou, as tecnologias avançaram e o profissional da comunicação também, hoje, ele tem que ser completo (Carlos Siqueira em entrevista concedida ao autor no dia 7 de novembro de 2022).

As somas desses fatores abrem caminhos para que as empresas de telejornalismo façam mais investimentos (MELO, 2020) em equipamentos que tenham a capacidade de ampliar as possibilidades de trabalho do repórter, como é o caso do celular.

O editor chefe da TV Paraíba pontua que os custos favoráveis justificam os investimentos da utilização do celular na produção de vídeo-reportagens nos telejornais da emissora.

Toda empresa espera ter um custo mais baixo sem perder a qualidade da produção. Embora o nosso equipamento seja mais moderno e tenha um custo mais elevado em relação a um celular normal, ele sai muito mais barato que uma câmera convencional. Então, os custos favoráveis também são um atrativo a mais para que a gente invista no vídeo-repórter (Carlos Siqueira em entrevista concedida ao autor no dia 7 de novembro de 2022).

Em resumo esses resultados, trazem a confirmação de que as empresas de telejornalismo, bem como qualquer outra empresa, buscam exatamente a otimização do negócio, onde se tenha um custo menor de operação e a manutenção da qualidade do seu produto. Nesse sentido, o uso do celular na produção de vídeo-reportagens na TV Paraíba consegue articular mobilidade e agilidade (THOMAZ, 2006) ao repórter, consegue reduzir os custos de produção da empresa e consegue manter a qualidade de apuração sem que haja qualquer prejuízo para o telespectador que consome diariamente os conteúdos dos telejornais transmitidos na emissora.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dessa pesquisa buscamos responder quais as influências do uso do celular na produção de vídeo-reportagens no telejornalismo da TV Paraíba, apontando quais foram as mudanças proporcionadas por essa mobilidade na produção de conteúdo da emissora, avaliando o papel multifuncional que a vídeo-repórter assumiu com o uso dessa ferramenta em sua rotina de produção, além destacar quais foram os fatores que levaram a emissora investir nesse equipamento para a produção do seu conteúdo.

No caso desse estudo, detectamos que o uso do celular na produção de vídeo-reportagens aumentou a mobilidade e deu mais agilidade ao trabalho da repórter, além de dar mais opções de produção ao telejornal da emissora. Um

outro ponto detectado nesse estudo foi o acúmulo de funções do vídeo-repórter que agora exerce as funções de repórter e cinegrafista e, algumas vezes, até de produtor. Apesar do acúmulo de funções durante a execução da reportagem, não foi notada uma queda de performance na apuração jornalística (SANT'ANNA, 2008), porém, em algumas circunstâncias, como no caso da vídeo-reportagem à noite, notamos uma queda na qualidade da imagem por limitações técnicas provenientes do aparelho.

No que se refere ao aproveitamento máximo das capacidades do uso do celular notamos que, embora tenha condições mínimas e equipamentos para tal, as entradas ao vivo com o celular não são exploradas pela emissora como deveriam e que as produções das vídeo-reportagens ainda seguem os mesmos padrões dos anos 80 e 90, onde o repórter voltava para a redação para que o material fosse revisado e editado por outros profissionais.

Sobre as razões que levaram a empresa a investir no uso do celular em sua produção, concluímos que a principal motivação foi o seu baixo custo e que nesse sentido, a mobilidade vem em segundo plano. Constatamos também que a vídeo-reportagem é mais uma opção de produção da emissora e que, pelo menos a preço de hoje, não deve substituir toda produção tradicional de conteúdo realizada pelas equipes de reportagem convencionais

Por fim, entendemos que estudos como esse são de extrema importância para compreendermos as transformações na rotina produtiva do jornalista, e acompanharmos o desenvolvimento e a inserção das novas tecnologias móveis no telejornalismo local. Portanto, os questionamentos aqui levantados podem servir de estímulo para novos estudos sobre mobilidade e vídeo-reportagem no telejornalismo da Paraíba.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, Zi; SILVA, M. **Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta.** Paidéia (Ribeirão Preto), n. 2, p. 61-69, 1992. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/yKQmzXgZMrdhBCMkdbYvJYj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 de julho de 2022.

BECCARI, C.; BERTOL, S. **Seminário de linguagens comparadas: unir saberes para um jornalismo de excelência.** In: FERREIRA NETO, Thaís Helena. Comunicação e jornalismo: conceitos e tendências. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

BULHÕES, Juliana; RENAULT, David. **Caminhos iniciais para o estudo do impacto das condições de trabalho na saúde e na qualidade de vida do jornalista.** In: XVIII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTROOESTE.[sn]. 2016. Disponível em: <https://www.portaliintercom.org.br/anais/centrooeste2016/resumos/R51-0252-1.pdf>. Acesso: 10 de novembro de 2022.

CANAVILHAS, J.; RODRIGUES, C. **Jornalismo móvel: linguagem, gêneros e modelos de negócio.** Covilhã: Livros LabCom. 2017. Disponível em: <https://www.academia.edu/32998458/JORNALISMO_M%C3%93VEL_LINGUAGEM_G%C3%89NEROS_E_MODELOS_DE_NEG%C3%93CIO>. Acesso em: 10 de novembro de 2022.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FACHEL, Flávio. **Dicas de telejornalismo**. Flavio Fachel. 1ª Ed. São Paulo.2011.

LEMOS, Ana Heloísa Costa; MELLO, Giselle Rohr; GUIMARÃES, Mayara Farias. **Gerações produtivas e carreiras: o que as mulheres da Geração Y querem?**. Revista de Administração da UFSM, v. 7, n. 1, p. 135-152, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reaufsm/article/view/6280/pdf>. Acesso em 10 de novembro de 2022.

LEMOS, André. **Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM)**. Comunicação Mídia e Consumo, v. 4, n. 10, p. 23-40, 2007. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/97>. Acesso em: 3 de novembro de 2022.

LEMOS, André. **Cultura da mobilidade**. Revista Famecos, v. 16, n. 40, p. 28-35, 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/6314>. Acesso em: 1 de novembro de 2022.

MELO, Cristiane Larissa Fernandes et al. **Jornalismo móvel na rotina de trabalho dos repórteres da TV Paraíba**. 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/18754/1/CristianeLarissaFernandesMelo_Dissert.pdf. Acesso em: 15 de julho de 2022.

MELLO, Jaciara Novaes. Telejornalismo no Brasil. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal**, 2009. Disponível em <http://bocc.ufp.pt/pag/bocc-mello-telejornalismo.pdf>. Acesso: 10 de novembro de 2022.

QUINN, Stephen . **Jornalismo Móvel: a última evolução na captação de notícias**. Revista Parágrafo. Tradução de Fabíola Tarapanoff. v. 2, n. 2. 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/235>. Acesso em: 14 de julho de 2022.

PASTOR, Leonardo. **Rotina jornalística e mobilidade: potencialidades de transformação do habitus profissional jornalístico a partir das tecnologias móveis**. 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0773-1.pdf>. Acesso: 10 de novembro de 2022.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. Estudios sobre las culturas contemporâneas**. v. 23, n. 3, p. 161-190, 2017. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/journal/316/31652406009/31652406009.pdf>. Acesso em: 01 de dezembro de 2022.

PESOTI, Carlos Gabriel. In: **Videojornalismo independente. O voo solo do videojornalismo**. São Paulo. Disponível em: <https://www.slideshare.net/gabrielpesoti/o-voo-solo-do-videojornalismo>. Acesso em: 3 de novembro de 2022.

SANT'ANNA, Lourival. **O destino do jornal: a Folha de S. Paulo, O globo e o Estado de S. Paulo na sociedade da informação**. Record, 2008. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/web/up/694/o/05_01_Dossie1.pdf. Acesso em 22 de julho de 2022.

SILVA, Fernando Firmino. **Mobilidade convergente: abordagem sobre a prática e estudos do jornalismo móvel**. Ícone, v. 11, n. 2, 2009. Disponível em: [www.academia.edu/869894/Mobilidade convergente Abordagem sobre a prática e os estudos do jornalismo móvel?email_work_card=view-paper](http://www.academia.edu/869894/Mobilidade_convergente_Abordagem_sobre_a_pratica_e_os_estudos_do_jornalismo_movel?email_work_card=view-paper). Acesso em: 3 de novembro de 2022.

SILVA, Fernando Firmino da. (2013). **Jornalismo móvel digital: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo**. (Tese de Doutorado, universidade federal da Bahia, Salvador, Brasil). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/13011>. Acesso em 3 de agosto de 2022.

SILVA, Fernando Firmino; RODRIGUES, Adriana Alves. **Jornalismo em mobilidade: redes sociais e cobertura de protestos “ao vivo” e da rua. Mídia, Tecnologia e Linguagem Jornalística**, p. 26, 2014. Disponível em: <https://abrir.link/2XZMk>. Acesso em: 10 de novembro de 2022.

THOMAZ, Patricia. **A linguagem experimental da videoreportagem**. Inovcom, 2006. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/inovcom/article/view/321>. Acesso em 20 de julho de 2022.

VIZEU, Alfredo et al. Eixo 2. **Telejornalismo 70 anos: O sentido das e nas telas**, p.129, 2020. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Yt0GEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA106&dq=>. Acesso em 01 de dezembro de 2022.

YOSHYAKY, Daniel Adjuto Sanders. **Jornalismo e entretenimento: uma cobertura do fim do mundo em Alto Paraíso sob a ótica do infotimento**. 2013.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A VÍDEO-REPÓRTER

- 1- Qual a sua função na TV?
- 2- Em que medida o uso do celular contribui na produção de vídeo reportagens na TV Paraíba?
- 3- Você acredita que os novos profissionais que estão entrando no mercado estão preparados para atuarem como vídeo-repórter?
- 4- Na sua percepção, quando você vai para rua como vídeo-repórter, você consegue extrair o máximo da mobilidade e das funcionalidades do celular em suas reportagens ou encontra alguma dificuldade?
- 5- Você acredita que suas responsabilidades aumentam quando você vai para rua como vídeo-repórter?
- 6- Você percebe que há uma queda de qualidade na apuração jornalística quando você vai para rua como vídeo-repórter?
- 7- Quais são as diferenças que você percebe na execução do seu trabalho quando vai para rua como vídeo-repórter e quando vai para rua com uma equipe de reportagem convencional?
- 8- O jornalista multifuncional é uma realidade nas empresas jornalísticas. Como você analisa o seu trabalho como vídeo-repórter em termos de vantagens e desvantagens?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O EDITOR CHEFE

- 1- No geral, qual a sua função e quais responsabilidades você assumiu dentro da empresa?
- 2- De onde surgiu a ideia de trazer uma vídeo-repórter para TV Paraíba e o que levou a empresa a investir na contratação de um profissional nessa modalidade?
- 3- Além da mobilidade, o baixo custo de operação do vídeo-repórter com o celular também é um atrativo para a empresa?
- 4- Como editor chefe, você acredita que o celular tem potencializado a produção de vídeo-reportagens nesta emissora?
- 5- Na sua percepção, a TV tem conseguido extrair todas as possibilidades da vídeo-reportagem com o celular em sua rotina de produção?
- 6- De certa forma, essa experiência com vídeo-reportagens é um projeto-piloto na empresa. Você acredita que a TV deve explorar mais esse segmento nos próximos anos?